

**Epistemologias e a crítica modernista:
diálogos entre comunicação, o pluriverso e a chamada teoria decolonial**

*Epistemologies and modernist criticism:
dialogues between communication, the pluriverse and the so-called decolonial theory*

Mateus Francisco FEITOSA¹.
Ana Carolina Kalume MARANHÃO²

Resumo

A presente pesquisa explora as interseções entre o colonialismo e a informação presentes nas relações contemporâneas, a teoria decolonial e a chamada às epistemologias locais. A proposta busca compreender a relação entre informação e design a medida em argumenta-se sobre a comunicação e suas reproduções das colonialidades do ser, saber e poder; em sua análise sob o viés da análise crítica do discurso (ACD). A busca é por uma reflexão epistemológica que forneça *insights* à emancipação, entendendo como centrais as relações de poder presentes nos discursos comunicacionais.

Palavras-chave: Pluriverso. Decolonialismo. Comunicação. Design. Epistemologia.

Abstract

This study proposes exploring the intersections between colonialism, the information present at contemporary relations, decolonial theory and the calling towards local epistemologies. The proposal seeks to compass the relations in between information and design, as it argues about communication and its reproductions of colonialities of being, knowing and power, through the critical discourse analysis (CDA). The quest is for an epistemological reflection able to give insights to emancipation, understanding as central the power relations present at communication discourses.

Keywords: Pluriverse. Decolonialism. Communication. Design. Epistemology.

Introdução

O texto apresenta análise sobre a revisão bibliográfica da dissertação de mestrado *Design e sinestesia, uma proposta decolonial: Diálogos entre objeto-espaco*, cujo

¹ Mestrando do Departamento de Design da Universidade De Brasília (UnB). Professor da Faculdade de Tecnologia Senac Goiás. E-mail: mateus.ffeitosa@gmail.com

² Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade de Brasília (PPG-Design). E-mail: ckalume@gmail.com

objetivo busca estabelecer o pensamento decolonial como forma primária de construção cultural e prática do espaço-local no cerrado goiano. Assim, a problemática exposta orbita na argumentação da existência de uma crise do conhecimento, percebida pela academia e os profissionais da Comunicação, pela massificação, pasteurização e replicação dos conteúdos e produções apresentados ao cenário brasileiro. Queixas circulam quanto à valorização da reprodução acrítica de práticas na Comunicação, em busca de resultados que possam ser considerados exitosos e seus efeitos no campo das humanidades. Críticas quanto ao fator instantâneo do consumo da informação poderiam ser analisadas por conceitos da Modernidade Líquida³ e as Culturas da Convergência e da Conexão⁴ como princípios teóricos, entretanto envereda-se por sentidos mais abertos entendendo-se que estão relacionados ao fim, a este mote via o domínio do ser e saber eurocentrado ecoado em seus discursos. O método de análise proposto para fruição é o proposto por Fairclough (2012) da análise crítica do discurso (ACD).

A Análise Crítica do Discurso entende que todo discurso é construído socialmente, em seu contexto histórico-social (BRAGATO, COLARES, 2017). Como método de análise centra-se na crítica dos atores sociais e as representações distintas que ocupam em suas práticas, a partir das posições que ocupam (FAIRCLOUGH, 2012).

Induzindo que a perpetuação hegemônica eurocentrica está também nos discursos gerados nas práticas comunicacionais, propõe-se no pensamento decolonial, aliado a buscas que situem a fala e o interlocutor localmente, reflexões para epistemes latino-americanas, em especial ao centro-oeste goiano. Apresenta-se a ideia de modernidade e o pensamento modernista como centrais à esta manutenção de desfavor do local em relação ao conhecimento produzido no centro global.

Por este motivo, o texto analisa a colonialidade da reprodução de formas e conteúdos importados a atores locais nos modos de ser e fazer, que replicantes de posicionamentos deslocados de sentido no espaço aplicado, sufocam caminhos e possibilidades autônomas. Entende-se no legado do colonialismo, as relações de poder aplicadas como instrumento de manutenção da influência e relevância do centro global em relação à periferia.

³ Ver Bauman, A modernidade líquida. 2011.

⁴ Ver Jenkins, 2013, 2015.

Embora o objeto final de análise aqui seja o design gráfico, suas epistemologias, críticas e reflexões, o conteúdo apresentado ecoa em toda área da Comunicação como instigação à construção de saberes e processos locais, que, adaptados ao espaço sejam também meio de fruição e avanço dos Estudos Sociais e Culturais.

Epistemologias, decolonialidade e design

Ao compreender-se os Estudos Culturais, aqui relacionados aos Estudos Críticos do Discurso, volta-se inevitavelmente à observação das formas e procedimentos utilizados para a aplicação do campo no espaço latino-americano. Produzir, pensar e projetar neste local é, como ver-se-á no desenvolver deste tópico, consequência das escolhas dos governos e agentes culturais do séc. XX. Os discursos de racionalismo, cientificismo e neutralidade em busca da modernização e desenvolvimento dos países latinos a partir das bases modernistas europeias de design foram e são também atributos de poder e hegemonia, resultantes em epistemicídios (VERGÈS, 2020), crises epistemológicas e sufocamento ontológico da modelização⁵ do pensamento.

Em observação às publicações recentes sobre o tema, é possível visualizarmos duas macro correntes entre: os Estudos Culturais do Design (ESCOBAR, 2018) e daí o pensamento decolonial aplicado; e os Estudos Projetuais para o Desenvolvimento (NUNES, PATROCÍNIO, 2018) com uma crítica à desindustrialização dos países sulamericanos. O texto aqui apresentado cria uma via tripartite de diálogo entre estas posições, os autores, e convida os leitores à participação. A proposta nesta escrita não é neutra, e percebe no decolonialismo e nos estudos culturais importantes contribuições à práxis latino-americana, especialmente centrada no centro-oeste brasileiro, no designer goiano.

Teoria decolonial

A teoria decolonial foi concebida pelo grupo de pesquisa e investigação, Modernidade/Colonialidade (M/C), composto por teóricos latino-americanos inspirados em teóricos asiáticos como Spivak (1990) e Bhabha (2004), membros do grupo Estudos Subalternos do Sul da Ásia, que, refletindo os Estudos Pós-Coloniais liderados por Fanon

⁵ Pelo sentido atribuído na semiótica da cultura por Lottman (NAKAGAWA, NAKAGAWA, 2020).

(1968) buscaram organizar o pensamento local em reflexo das independências ocorridas do século XX. Fizeram parte do M/C sociólogos e pensadores como Grosfoguel, Mignolo, Quijano, Lander, Escobar, entre outros. Este último, pesquisador também dos Estudos Culturais e do Design, onde este texto orienta o cerne da posição em defesa das epistemologias locais.

O termo *decolonial* causa estranheza em seu primeiro contato com o interlocutor por sua ausência do *s*, já que seria esperado o sufixo *des*, em sentido de afastamento. É, porém, intencionalmente proposto pelo grupo de estudos sua retirada (BALLESTRIN, 2013) para grifar a diferença entre os processos de independência dos países periféricos em relação às metrópoles. Os estudos pós-coloniais estão focados no processo emancipatório das nações africanas da segunda metade do século XX, firmados por autores como Said (2003), sua crítica ao orientalismo ocidental e Fanon (1968) por expor as contradições coloniais. Para Miglievich-Ribeiro (apud ARCOVERDE JR, CASTILLO, 2022) o pós-colonial é a articulação das vozes subalternas em busca das próprias condições de sujeito, fala e história.

Se por um lado, a raiz da colonização está na experiência de opressão vivida por povos nativos e a tomada de seus recursos para o desenvolver da capital (SEN, POOVAIAH, 2018; KHANDWALA, 2019) que são definidos a partir de fronteiras de gênero, étnicas ou raciais, indissolúveis do colonialismo (COSTA apud BALLESTRIN, 2013), por outro, dá como justificativa colonial, o transpor de valores de uma sociedade à outra, que à luz da historiografia desconsiderou valores intrínsecos ao conhecimento local. Esta visão fica mais bem desenhada ao se observar os contornos dados por Quijano (2005) em sua reflexão sobre a colonialidade do ser, desta progressiva transferência de recursos e produtos, cadeados em transferências de valor, cujo controle coube à Europa Ocidental. Entender este transpor de “valores” como justificativa foi, e é, a maneira pela qual as sociedades do norte global, estabelecem suas bússolas morais para que suas interferências sejam aceitas pelas comunidades internacionais a despeito do apagamento cultural que constantemente surge destas ações. Assim, uma intensa relação de poderes e interesses que mantém o *status quo* das nações conceitualizadas como desenvolvidas em relação aos países periféricos, ou como vistos pelo centro durante o século XX, terceiro mundo. Sobre este status temos:

Todas as experiências, histórias, recursos e produtos culturais terminaram também articulados em uma só ordem cultural global em torno da hegemonia europeia...a Europa concentrou as formas de controle da subjetividade, da cultura e especial do conhecimento, da produção do conhecimento. (QUIJANO, 2005, p.121)

Como continuidade desse processo de domínio, tem-se ainda no século XXI, reativo controle de políticas internacionais por parte de ex-metrópoles em relação a suas ex-colônias, como fica claro no texto clássico de Quijano (2005) em que explicita que; “a independência, desde inícios do séc. XIX, está acompanhada pelo estancamento e retrocesso do capital e fortalece o caráter colonial da dominação social e política sob Estados formalmente independentes.”

A América Latina, independente a mais tempo que África e Ásia, tenta avançar a partir de seus próprios interesses, apesar da influência Estadunidense, ou, “sob o regime da “colonialidade global” dos Estados Unidos” (GROSFOGUEL, 2008). Os E.U.A, como parte do Norte Ocidental, substituíram as antigas metrópoles através tanto do *hard-power*, quanto do *soft-power*, este último presente na formação da cultura visual global. Aqui, é pertinente entender a dualidade histórica latino-americana, que sob a perspectiva eurocêntrica, existe como um espelho que distorce aquilo que reflete (QUIJANO, 2005). Estando tão intensamente mergulhados em uma epistemologia eurocêntrica, não nos reconhecemos ou identificamo-nos a partir de nós, mas em uma terceira pessoa. Ou seja, refletimos conhecimentos sobre o local produzidos por agentes externos. Colonizados, somos explicados por colonizadores, o que segundo Santos (2020) remete às percepções do colonizador sobre si mesmo em oposição a um colonizado imaginado.

O grupo M/C, defende e teoriza a divisão da aplicação colonial entre a colonialidade do ser / poder / saber. Suas implicações são estendidas a partir destes ramos, concebidas à luz das ciências sociais.

Decolonizar é, portanto, conforme o M/C (2002), refletir sobre as epistemologias e ontologias locais latino-americanas em um esforço de emancipação das relações de imposição da modernização eurocentrada.

O racionalismo eurocêntrico impôs e permanece a atribuir dualismo radical entre as práticas modernas vs. vernaculares, ciência vs. "curandeirismo", racionalismo vs. humanismo, desenvolvimento vs. atraso (ESCOBAR, 2018). O leitor reconhece qual grupo ocupa qual fronteira mencionada neste discurso. A colonialidade define cultura, trabalho, intersubjetividade e a produção de conhecimento que sobrepõe o colonialismo

(MALDONADO-TORRES, 2007) e a separa de sua origem, como uma posição e ferramenta de dominância entre os países.

Antes que se entenda em tais indicações a rejeição do conhecimento refletido na criação do centro, Ballestrin (2013) reforça para que não se confunda desta forma o termo, mas o impulso de epistemes locais. Bem, fosse assim, estaríamos presos no ciclo desenhado por Lima Barreto (2021) para a personagem Major Quaresma em, “O triste fim de Policarpo Quaresma”, sempre a frustrar-se frente a impossibilidade de se rastrear a genealogia originalmente brasileira. Trata-se, portanto, sob os Estudos Culturais e da Comunicação, o que Vergès (2020) conclama, a luta por uma justiça epistêmica, de igualdade entre os saberes, uma troca de conhecimento aprofundado na relação Sul-Sul, que, não começando conosco, faz-se missão redescobrir e valorizar saberes e filosofias fora do eixo Norte em um resgate ontológico que possibilite o florescer dos pluriversos descritos por Escobar (2018), à frente mais bem conceituados.

O decolonialismo assim sendo, é proposta de diálogo entre epistemologias dissonantes, produzidas fora do centro, em busca de fazeres conscientes das relações coloniais que rodeiam este espaço desde a fundação da modernidade, nas colonialidade do ser, poder e saber. Em que as relações sociais desiguais inauguradas com o racismo colonial na América é parte fundadora e mantenedora do imperialismo e colonialismo, formas assim, de dominação.

Observar as propostas decoloniais sugere e incita caminhos possíveis de pensamento entre lugar e local, a partir de análises críticas, emancipatórias e conscientes de suas próprias limitações e proposição de meios para que a Cultura Visual e aqui, especificamente o Design, estejam sobre trilhos menos colonizadores, refletores de epistemes que, se formadas a partir do Norte, se dediquem nos indivíduos a favorecer o entendimento e a tradução local.

Epistemologias: desenvolvimento e a centralidade do design

Focalizemos a discussão por um momento no dualismo presente nos debates em Design com o enfoque histórico do século XX e a vinda do campo e a institucionalização do ensino em Design na América do Sul. Observe-se as propostas de Arturo Escobar (2018) para os pluriversos como reflexão acerca das crises epistêmicas. Muitas possibilidades apresentadas pelo autor para a autonomia latina chocam com o

entendimento de parte dos designers sobre a centralidade do Design no desenvolvimento das economias latino-americanas. Esta dissonância será conduzida pelas reflexões e debates de Gabriel Patrocínio (2018) em sua publicação *Design & Desenvolvimento*, com críticas ao pensamento de Victor Papanek (1973), que, por sua vez inspira algumas reflexões de Escobar, fechando o diálogo entre os autores.

Escobar centraliza os intentos do livro em localizar uma autonomia cultural e política a partir de ideais de comunidades da América Latina e questiona a capacidade do legado modernista de se reorientar para além da dualidade capitalismo e modernidade.

As divergências fundamentais entre os textos analisados estão no papel e foco que o pensamento desenvolvimentista teve nos países sul-americanos durante o século XX, bem como seus resultados para o Design, e a sua configuração neste desenvolvimento. Ambos reconhecem a centralidade que a Organização das Nações Unidas – ONU, em sua autarquia para o Desenvolvimento Industrial (UNIDO – *United Nations Industrial Development Organization*) tiveram em ampliar o design nestes países com a criação das escolas superiores de design entre as décadas de 1950 a 1980 como sequência do documento “Diretrizes básicas para políticas de design industrial em países em desenvolvimento”.

Para Patrocínio (2018): “O Design deve integrar as ferramentas que o governo tem para a gestão e políticas públicas, para a maior entendimento e clareza em suas construções”. Políticas de Design buscam inseri-lo como ferramenta, enquanto Design para a Política traz métodos de Design para a Política Pública. Para o autor não há desenvolvimento verdadeiro que possa conviver com a miséria, o que neste trecho o aproxima das críticas de Escobar, que ao citar a ONU traz: “(...) poucas comunidades estão dispostas a pagar o preço do progresso econômico”, o que consideramos uma visão de design desafiadoramente arrogante”⁶ (p. 30, tradução própria).

Enquanto os autores da coleção de artigos organizados por Patrocínio e Nunes seguirão reconhecendo a relevância da ONU por ter apresentado o Design Projetivo aos governos latinos, Escobar tecerá duras críticas à forma e às visões de implementação do design nestes locais. À luz de 60 anos passados pode-se considerar que esta proposição da UNIDO foi bem-sucedida, mas que foi feita a base de epistemicídios (VERGÈS, 2020), em que Escobar segue: “O que as nações Unidas visionaram foi a aplicação do

⁶ No original: “Very few communities are willing to pay the full price of economic progress...we can consider this pronouncement as a daring, albeit utterly arrogant, design vision.” (ESCOBAR, 2018)

Design fragmentando o Design Vernacular e práticas endógenas que por séculos nutriram a vida de muitos. Quase de um dia ao outro, tradições ricas e vibrantes foram desvalorizadas”⁷. (p.30, tradução própria.) Estas práticas passaram a ser percebidas como subdesenvolvidas ou *tokens* do subdesenvolvimento destes locais, carentes de industrialização moderna.

Patrocínio entende o Design para o Desenvolvimento como ferramenta de inclusão dos países periféricos no mercado global, através da competitividade (p. 74, posição 1333) Escobar cita Fry (2017) para quem, o mundo do Sul, tem em grande parte sido projetado ontologicamente como consequência eurocêntrica do Norte. (p. 31) Ora, os currículos de design foram importados à América Latina, África e Sul asiático reproduzindo os conteúdos modernistas de escolas como a Bauhaus e Ulm, ambas alemãs e definidoras do que ficaria conhecido como Estilo Internacional Suíço (MEGGS, 2009), formadas em resultado das considerações da UNIDO, por profissionais estrangeiros ou nacionais enviados ao exterior para retornar a seus países e aplicar os conteúdos que seriam defendidos como ponte para o desenvolvimento.

Em 1973, Victor Papanek identificou contradições nessa transposição de ideários europeus a países diversos em sua obra *Design for the real world*, em que propunha uma epistemologia do Design local definida como Design Humanitário, com fortes críticas ao industrialismo e o consumismo. No alemão Gui Bonsiepe temos outro teórico importante deste período, cujas contribuições são dicotômicas e nada simples. Também em 1973, Bonsiepe fornece documento à UNIDO em defesa da centralidade do design às nações periféricas (PATROCÍNIO, 2018, p.96, posição 1841). Dicotômicas porque embora tenha tido papel primordial na confirmação do modernismo europeu no pensamento epistêmico latino, e defensor da centralidade do design como ferramenta e agente industrial de desenvolvimento das nações, reconhece os problemas advindos conjuntamente em críticas posteriores.

Lembra Bonsiepe em uma destas críticas que, o imaginário modernista europeu não vem sozinho, mas carregado de vieses que definem suas produções como corretas e boas, e o imaginário local periférico como desprovido de capacidade intelectual avançada

⁷ No original: “What the United Nations envisioned was... aimed literally at scrapping the vernacular design and endogenous practices that for centuries had nourished, for better or worse, the lives of millions throughout the centuries. Almost overnight, a diverse range of rich and vibrant traditions were reduced to being worth, literally, nothing” (ESCOBAR, 2018)

(BONSIEPE, 2008). O autor defende a necessidade de se trabalhar *com* ao invés de *para*. Preposições que marcam centralidade na crítica de Patrocínio (2018) ao pensamento de Papanek, que enquanto assumia um discurso emancipatório para os países periféricos, desenvolveu seus domínios com alunos europeus e norte-americanos nestes mesmos países periféricos, ditando, portanto, novamente, os conceitos de boas práticas versos más.

São nevrálgicas as contribuições de Bonsiepe para o Design Latino, por sua capacidade de articulação em prol do campo no local, mas divide autores que se posicionam em defesa de pontos específicos de sua obra, e ao ignorar algumas contradições dialéticas presentes, ainda alimentam dualismos que interditam e polarizam o debate.

Em retorno à antropologia e às ciências sociais, que, matriarcas dos conhecimentos das ciências humanas compreenderam a importância dos lugares de fala, de onde os enunciadores partem em suas análises, vejamos:

Um antropólogo *experiencia*, de um modo ou de outro, seu objeto de estudo; ele o faz através do universo de seus próprios significados, e então se vale dessa experiência carregada de significados para comunicar uma compreensão aos membros de sua própria cultura. Ele só consegue comunicar essa compreensão se o seu relato fizer sentido nos termos de sua cultura. (WAGNER, 2017, p. 29)

Ou mesmo, no conceito de etnocentrismo, em que o interlocutor tende a perceber o seu modo de vida como o mais correto e natural. (LARAIRA, 2001, p. 69). Logo, os lugares de fala são importantes para que epistemes próprias sejam frutificadas, mesmo que baseadas em outras, para que não apenas modelizadas, modelizem a si mesmas em suas capacidades.

É neste ponto que a defesa do desenvolvimentismo industrial baseado nas diretrizes propostas pela UNIDO em 1973 falha com espaço latino. Os seus proponentes, sendo europeus, ou replicantes do cânone europeu, não consideraram as formas de se pensar e produzir locais como capazes, inspirados no industrialismo europeu, o entenderam como razão do avançar dos países centrais, atribuindo ao Design centralidade no processo, e a seus conceitos primazia. O Design, a Comunicação, a Informação e outras vertentes do processo cultural ao focarem em si mesmos ignoram a construção do todo em favor da parte. O desenvolvimento das nações do norte global estiveram e em larga medida se mantêm em detrimento dos países do sul (QUIJANO, 2005).

Para o grupo M/C (2002) é o Sul Global, especialmente as Américas que possibilitam a modernidade europeia. Os insumos provenientes das colônias e o garroteamento do sul pelo centro pós-colonial são necessários para manter a colonialidade do poder, e em especial nesta análise, as colonialidades do ser e do saber, de onde os epistemicídios são corolários.

Escobar, os pluriversos e a ontologia

Arturo Escobar é antropólogo e teórico do Design, Colombiano, enfoca suas propostas em busca de uma Ontologia da Cultura e do Design que se desdobre também a partir dos saberes tradicionais de comunidades originárias sul-americanas. Este tópico aprofunda reflexões sobre os escritos do autor em sua obra *Design for the Pluriverse: New Ecologies for the Twenty-First Century*, de 2018. O autor intercede pela superação do debate para além dos dualismos e aforismos eurocêntricos, desenvolve duras críticas às colonialidades do ser e saber pelas quais defende que “a reserva cultural contemporânea se desdobra em tradição racionalista” (p.119, tradução própria)⁸ e seus efeitos sobre as formas de ser e pensar das pessoas.

Um leitor desatento pode confundir a crítica da modernidade e do racionalismo como anticientificismo, entretanto que se deixe claro não se tratar de ataque ao desenvolvimento científico, mas de reconhecimento do uso para o controle e superioridade moral de um espaço sobre o outro. As ciências humanas nos países descentralizados foram constituídas como espelho do positivismo e da filosofia europeia. (ESCOBAR, 2018) É a partir dos estudos pós-coloniais que insurgem iniciativas de investigação, estudo e valorização de filosofias e sociologias não europeias, em si, não exotizadas, mas valoradas como conhecimento. Para o autor, o domínio racionalista é focado na crença do individual, do real, da ciência e da economia como entidades auto constituídas. Assim, o mundo preexiste à nossa existência em contraste com outras epistemologias que cocriam o mundo com a natureza, em coexistência. Escobar se apoia em autores das ciências biológicas como Maturana e Varela (1987) e seus conceitos de autopoiesis.

⁸ No original: “The pervasive cultural background within which much of our contemporary world unfolds is the rationalistic tradition” (ESCOBAR, 2018)

A centralidade do pensamento racionalista, que aqui, é traduzido também na sua forma de construção do modernismo europeu, é para Escobar parte dos problemas culturais do design já que elimina formas locais de existência relacional em uma guerra cultural. A noção de existência em indivíduos separados advinda da teoria liberal é a mais naturalizada forma de ficção da modernidade ocidental (ESCOBAR, 2018) e neutralidade.

Em pesquisa de campo transdisciplinar entre antropólogos, arqueólogos e museólogos, um dos autores deste artigo participou da documentação do projeto *Rio Araguaia: lugar de memórias e identidades* (2017), projeto da Faculdade de Ciências Sociais – Universidade Federal de Goiás que se dispunha a auxiliar os indígenas Iny/Karajá das Aldeias Buri Diná, e Bdè-Burè (Aruanã – Goiás) na preservação de seu patrimônio cultural através do Museu e investigação subaquática de suas embarcações.

A partir de entrevistas e conversas interpessoais, o Cacique Raul Hawakati explicava as epistemologias Karajá, suas visões e relações entre local e espaço. Pertinente à discussão da individualidade, Hawakati exemplificou que o espaço e território Karajá, em sua percepção de localidade e propriedade se expandia por 200km², já que às margens do rio Araguaia, a comunidade se desloca com as cheias e secas do rio. É importante salientar de que a significação coletiva de propriedade Karajá não se assemelha à da cidade branca, em exclusão de acesso.

A individualidade moderna expõe a propriedade e domínio local à sua própria residência, em seus m², por outro lado, a episteme Iny/Karajá a compreende coletivamente em seus locais diversos e espalhados de vivência. Não fosse as ontologias indígenas desconsideradas pelo racionalismo, as cidades goianas e seus habitantes poderiam desfrutar da construção de um futuro de identificação local mais própria e zelosa de seu patrimônio. O individualismo, porém, transfere a responsabilização do cuidado e propriedade dos bens coletivos exclusivamente a instituições públicas, que, amorfas não criam laços de identidade entre seus habitantes.

“A ideia de que o design assume seu lugar em distribuição de papéis, poder, e expertise, tem tornado mais difícil manter a ficção do indivíduo isolado, e do designer como gênio em ação no estúdio” (ESCOBAR, 2018, p.125, tradução própria)⁹. Pode-se

⁹ No original: “The first is the idea that design takes place today in systems of distributed agency, power, and expertise, within which it is becoming more difficult to maintain the fiction of the isolated individual, and even that of the designer genius at work in the studio” (ESCOBAR, 2018)

depreender novamente a importância do repertório na construção do profissional, sua práxis condicionada à vivência e experiências culturais em sociedade, seus produtos como resultado destas somas. O codesign e a colaboração dialógica pelas quais designers e público redescobrem o poder de fazer juntos (MANZINI, 2015 *apud* ESCOBAR, 2018), retira do designer sua centralidade criativa e o posiciona como mediador em construção conjunta, dependente das epistemologias locais. O “redespertar das coisas locais e comunitárias” (ESCOBAR, 2018, p.125, tradução própria)¹⁰ refletindo aspectos culturais, assumindo-os, vernaculares ou não, em favor do reconhecimento do espaço como meio de fruição.

A noção de *Um Único Mundo* sinaliza a ideia predominante do ocidente de que todos vivemos em um só mundo, feito uma realidade (uma natureza) e diversas culturas. Essa noção imperialista pressupõe a capacidade do ocidente de arrogar a si o direito de *Ser* este mundo, e sujeitar todos os outros mundos a suas regras, diminuir os *status* secundários ou de inexistência, frequentemente figurativamente e materialmente. (ESCOBAR, 2018, p. 126, tradução própria)¹¹

Como configurar nossos espaços sem um pensamento objetivista, de uma única visão de mundo é o convite dos pluriversos teorizados pelo autor. Assumir as relações dialéticas de avanços no conhecimento e domínio científico sem “projetar o mundo como um plano inanimado” (ESCOBAR, 2018, p.127, tradução própria)¹². Observar a cultura e o local também como parte formadora de identidades coletivas e subjetivas, que assim sendo, favorecem o desenvolver de formas outras de fazer, mesmo que baseadas, inspiradas, adaptadas e incorporadas de outros espaços e fronteiras.

Considerações finais

Este chamado ao pluriverso significa um convite ao reconhecimento das nuances culturais e a assunção do conhecimento periférico mesmo dentro dos próprios países, que

¹⁰ No original: “The reawakening of things local and communal fits into this changing landscape of design conditions” (ESCOBAR, 2018)

¹¹ No original: “The notion of the OWW signals the predominant idea in the West that we all live within a single world, made up of one underlying reality (one nature) and many cultures. This imperialistic notion supposes the West’s ability to arrogate for itself the right to be “the world,” and to subject all other worlds to its rules, to diminish them to secondary status or to nonexistence, often figuratively and materially” (ESCOBAR, 2018)

¹² No original: “Moderns imagine the world as an inanimate surface to be occupied” (ESCOBAR, 2018)

se traduz em refletir no cerrado goiano, epistemes, vivências e experiências locais em prol de soluções para questões locais.

Em um universo hiperconectado, convergente, é preciso produzir em movimento pela cidade, física e em seus espaços virtuais. Cabem análises a serem aprofundadas de iniciativas neste caminho, seja na cultura visual goianiense estabelecida por artistas urbanos, seja na produção de conteúdo que reivindique a cultura imaterial local, que por diversas vezes é minorada em adjetivos que a classifica como pouco escolarizada e peculiar. Os pluriversos epistêmicos tem de se formar de dentro para que deslocando a voz, cada um possa falar por si.

São imersões reflexivas que apontam para futuros divergentes às distopias eurocêntricas, neoliberais que produzem visões resultantes em catástrofes, conscientes dos danos impostos pela própria ideia de modernidade antropocêntrica. Em um espaço globalizado não se deve aceitar a existência de apenas uma forma de dizer, ser e reproduzir informações em julgamento demeritório a práticas ancestrais. É preciso reafirmar a conexão como amplificadora, não de ecos, mas identidades.

Assim, a Comunicação, em suas vertentes, tem de também se localizar localmente, em emancipação do discurso e crítica. A técnica é ponte para futuros utópicos, críticos do próprio conhecimento. O desenvolvimento tem valor à medida em que se avança nas construções sociais de autodeterminação.

Entende-se por fim, o papel importante que a Cultura e o reconhecimento dos fatores culturais exercem sobre os profissionais da Comunicação e da Informação. Percebe-se a valorização da hiperespecialização como resultante do sufocamento epistêmico, de viés tecnicista, que retira o pensamento crítico da parte em relação ao todo. É assim, um convite à ética e a responsabilidade sociocultural refletida sobre a técnica como princípio e fim. Portanto, não tratamos de dualismos, de choques entre teorias excludentes, mas de entendimentos e acordos que reconhecem ontologias epistêmicas como Cultura Imaterial a ser debatida, desenvolvida e ampliada.

Referências

ARCOVERDE JR, José Carlos P; CASTILLO, Leonardo Augusto Gomez. In: **[Bem] além do digital. Col. Fronteiras do Design.** organizado por Ney Brito Dantas, Walter Franklin Marques Correia; autores: Amanda Carolina M. de Andrade... [et al]. São Paulo, Blucher, 2022.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Ver. Bras. Ciência. Polít.**, Brasília, n. 11, p. 89-117, Aug. 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

BHABHA, Homi K. **The location of culture**. Reino Unido, Routledge, 2004.

BRAGATO, Fernanda Frizzo; COLARES, Virginia. (2017). Índícios de descolonialidade na Análise Crítica do Discurso na ADPF 186/DF. In: **Revista Direito GV**, 13(3), 949–980. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6172201737>

BONSIEPE, Gui; FERNÁNDEZ, Silvia; organizadores. **Historia del diseño em América Latina y Caribe: Industrialización y comunicación visual para la autonomía**. São Paulo, Blucher, 2008.

ESCOBAR, Arturo. **Designs for the pluriverse: radical interdependence, autonomy, and the making of worlds**. Durham and London, Duke University Press, 2018.

FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FAIRCLOUGH, N., & MELO, I. F. de. (2012). Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. **Linha D'Água**, 25(2), 307-329.

JENKINS, Henry. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2015.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2013.

KHANDWALA, Anoushka. What does it mean to decolonize design? Dismantling design history 101. In: **AIGA Eye on Design**. 2019. Disponível em: <<https://eyeondesign.aiga.org/what-does-it-mean-to-decolonize-design/>>

KHANDWALA, Anoushka. Decolonizing means many things to many People. Four Practitioners discuss decolonizing Design. In: **AIGA Eye on Design**. 2020. Disponível em: <<https://eyeondesign.aiga.org/decolonizing-means-many-things-to-many-people-four-practitioners-discuss-decolonizing-design/>>

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro, ed. Zahar, 2001.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de um concepto. In: **CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. (Eds.). El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Iesco-Pensar-Siglo del Hombre Editores, 2007. p.127-167.

MEGGS, Philip B. **História do design gráfico**. 4 ed. norte-americana. Tradução: Cid Knipel. São Paulo, Cosac Naify, 2009.

NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira; NAKAGAWA, Fábio Sadao. A urbe articulada pela lógica periférica da semiosfera: análise do centro social autogestionado La Tabacalera, na cidade de Madri. In: **POL. CULT. REV.** Salvador, v. 13, n.2, p.165-192, jul/dez. 2020.

NUNES, Mauro; PATROCÍNIO, Gabriel. **Design & desenvolvimento: 40 anos depois.** São Paulo, Blucher, 2018.

QUIJANO, Aníbal. In.: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, set. 2005.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.** São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

SPIVAK, Gayatri C. **The post-colonial critic:** interviews, strategies, dialogues. Routledge, Londres, 1990.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial** / Françoise Vergès; traduzido por Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.